

OS ESTUDOS DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO BRASIL: INFLUÊNCIAS, ORIGENS E PERSPECTIVAS

Giovane Fernandes Oliveira*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo reconstituir o surgimento do campo dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, particularmente o daqueles inspirados por Brian Street. Para tanto, inicialmente, apresenta as principais influências estrangeiras das pesquisas nacionais que tomam como objeto as práticas sociais de uso da língua escrita na universidade; em seguida, recupera as grandes linhas da instauração disciplinar da vertente do letramento acadêmico no Brasil; e, por fim, reflete acerca das perspectivas futuras desses estudos no país a partir de sua relação com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação.

Palavras-chave: *Letramento; Letramento acadêmico; Prática social.*

Résumé:

Cet article a pour but de reconstituer l'émergence du champ des Études des Littératies Universitaires au Brésil, tout particulièrement de ceux inspirés par Brian Street. Pour y parvenir, on présente d'abord les influences étrangères principales des recherches nationales concernant les pratiques sociales d'usage de la langue écrite à l'université ; ensuite, on reprend les grandes lignes de l'instauration disciplinaire du champ de la littératie universitaire au Brésil ; pour finir, on réfléchit sur les perspectives futures de ces études au pays à partir de leur rapport aux Théories du Texte, du Discours et de l'Énonciation.

Mots-clés : *Littératie ; Littératie universitaire ; Pratique sociale.*

Introdução

Há pouco mais de uma década, no Brasil, políticas educacionais como o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), o PROUNI (Programa Universidade para Todos), o SISU (Sistema de Seleção Unificada) e a Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas)

* Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa, Língua Francesa e suas Literaturas. Mestrando em Estudos da Linguagem, na linha “Análises textuais, discursivas e enunciativas”, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Contato: giovane.oliveira@ufrgs.br.

têm promovido a democratização do acesso ao ensino superior, através do financiamento de estudos e da concessão de bolsas em instituições privadas e, em instituições públicas, através do aumento e da reserva de vagas a grupos minoritários e/ou discriminados.

Ao abrir suas portas a segmentos da sociedade historicamente mantidos do lado de fora delas, a universidade deparou-se com um desafio: não basta apenas garantir o *acesso físico* a alunos egressos de realidades por vezes muito avessas à realidade acadêmica, mas é igualmente importante oportunizar a apropriação por esses estudantes dos *recursos simbólicos* prestigiados nesse espaço social e, por isso, necessários à sua permanência nele (LILLIS, 1999). Dentre tais recursos, estão as práticas sociais de uso da escrita em contexto acadêmico. Tal desafio não é exclusivo da realidade acadêmica brasileira, apresentando-se também no exterior, em países que, como o Brasil, a partir dos anos 2000, também vivenciaram um processo de expansão universitária.

Situado nessa conjuntura sócio-histórica, este artigo, oriundo de um trabalho maior¹, tem como objetivo reconstituir o surgimento dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, particularmente o daqueles inspirados nos estudos do antropólogo britânico Brian Street. Outros estudiosos estrangeiros do letramento poderiam ser convocados neste trabalho, porém um recorte faz-se necessário no interior do campo, de modo que a opção por Brian Street como teórico de referência deve-se não apenas à sua influência nos estudos brasileiros, mas também à sua formulação da noção de *modelos de letramento* e ao seu interesse pelo *letramento acadêmico*.

Para perseguir tal objetivo, o presente texto organiza-se em três seções: na primeira, apresenta as principais influências estrangeiras das pesquisas nacionais que tomam como objeto os usos da língua escrita na universidade; na segunda, recupera as grandes linhas da instauração disciplinar da vertente do letramento acadêmico no Brasil; na terceira, reflete acerca das perspectivas futuras desses estudos a partir de sua relação com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação.

¹ OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homem na língua ao sujeito na escrita:** bases para um diálogo entre Letramento e Enunciação. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

1 Das influências: os Novos Estudos do Letramento e os Estudos dos Letramentos Acadêmicos

Os Novos Estudos do Letramento (NSL²) emergiram no Reino Unido no início da década de 1980. Segundo Bevilaqua (2013), o adjetivo *novos*, em *Novos Estudos do Letramento*, deve-se à virada sociocultural que representou uma mudança paradigmática no campo do letramento, cujo foco se deslocou da mente do indivíduo para os contextos sociais e culturais de prática da leitura e da escrita. Com efeito, os Novos Estudos do Letramento (NLS) destacam a *natureza social* e o *caráter múltiplo* das práticas letradas, contrapondo-se “à ênfase dominante num ‘Letramento’ único e ‘neutro’, com L maiúsculo e no singular” (STREET, 2014, p. 18).

Dos estudiosos dessa corrente, o antropólogo britânico Brian Street é aquele com o qual mais dialogarei. Isso por duas principais razões: a) ele descreveu o *modelo autônomo* e o *modelo ideológico de letramento*, dois modelos interpretativos do fenômeno cuja descrição modificou para sempre o cenário mundial dos Estudos do Letramento; b) uma de suas linhas de pesquisa atuais é justamente os Estudos dos Letramentos Acadêmicos (ACLITS³), tema deste trabalho.

O modelo autônomo é a visão sustentada pela mídia, pelos organismos internacionais, pelas políticas públicas e pelas instituições pedagógicas, que toma o letramento como *habilidade universal, técnica e neutra*, independente dos significados e dos usos da língua escrita em contextos particulares e garantidora de efeitos cognitivos, sociais e econômicos a todos aqueles que a adquirem.

Em contrapartida, o modelo ideológico concebe o letramento como *prática social situada*, pois está sempre circunscrito a contextos reais, concretos e específicos; *plural*, pois envolve uma diversidade de usos da leitura, da escrita e da língua/linguagem na sociedade; e *ideológica*, pois implica relações de poder, identidade e crenças.

A partir dos anos 1990, com a internacionalização do ensino superior e a ampliação da participação dos estudantes estrangeiros, o Reino Unido viu germinarem os Estudos dos Letramentos Acadêmicos. Tal vertente contesta discursos consolidados acerca das dificuldades dos alunos com a escrita acadêmica,

² A sigla consagrou-se a partir do nome que designa o campo em inglês: *New Literacy Studies*.

³ Sigla também consagrada a partir da denominação em língua inglesa do campo: *Academic Literacies Studies*.

particularmente o *discurso do déficit do letramento*, segundo o qual os estudantes chegam à universidade sem saberem ler nem escrever, e o *discurso da transparência da linguagem acadêmica*, de acordo com o qual a linguagem científica é transparente e objetiva na transmissão dos conhecimentos disciplinares.

Marco inaugural dos ACLITS, o trabalho de Lea e Street (1998) explica as abordagens da escrita na universidade a partir de três perspectivas, nomeadas como *modelo das habilidades de estudo*, *modelo da socialização acadêmica* e *modelo dos letramentos acadêmicos*. Tais modelos foram descritos a partir de uma pesquisa etnográfica que envolveu professores e estudantes de duas instituições universitárias do Reino Unido e buscou, através da análise de entrevistas, de produções escritas dos discentes e de avaliações dessas produções pelos docentes, compreender as percepções dos alunos e dos professores em relação à escrita acadêmica.

O primeiro modelo, o das *habilidades de estudo*, compreende o letramento acadêmico como um conjunto de técnicas individuais aplicáveis em todos os campos do saber e considera o domínio das regras gramaticais e das convenções de escrita definidor de um leitor e de um produtor de textos competente.

Já o segundo modelo, o da *socialização acadêmica*, concebe o letramento acadêmico como um processo de aculturação dos alunos nos discursos e nos gêneros de sua área do conhecimento, atribuindo ao professor a tarefa de introduzir o estudante nos modos acadêmicos de falar, de escrever, de pensar e de interagir. Embora reconheça, até certa medida, as particularidades dos diferentes cursos universitários, o modelo da socialização supõe que, uma vez aprendidos os rudimentos de um discurso acadêmico particular, os estudantes podem reproduzi-lo sem problemas.

Por fim, o terceiro modelo, o dos *letramentos acadêmicos* leva em conta a heterogeneidade das práticas acadêmicas letradas e sua relação com a produção de sentido, identidade, poder e autoridade. Segundo Lea e Street (1998; 2014), tal modelo inclui o das habilidades de estudo e o da socialização acadêmica, mas vai além destes ao não limitar o ensino da escrita acadêmica a técnicas instrumentais e ao não restringir as práticas de letramento acadêmico à universidade, contestando ainda a crença na homogeneidade dos alunos, na universalidade das habilidades e na estabilidade das disciplinas.

A exposição, nesta seção, dos princípios que fundamentam os NLS e os ACLITS permite-nos, na seção seguinte, avaliar os efeitos que tais estudos estrangeiros produziram nas pesquisas brasileiras.

2 Das origens: o surgimento dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil

Diferentemente dos países de língua inglesa, em que a palavra *literacy* significa tanto alfabetização quanto letramento e nos quais o adjetivo *novos*, em *New Literacy Studies*, marca a mudança paradigmática dos estudos sobre a língua escrita a partir dos anos 1980, no Brasil, um novo termo foi criado para distinguir o uso da escrita na vida social (letramento) da sua aprendizagem inicial (alfabetização)⁴. A criação desse termo acompanha o surgimento do campo dos Estudos do Letramento no país, do qual foram pioneiras quatro estudiosas brasileiras⁵: Leda Tfouni, Ângela Kleiman, Roxane Rojo e Magda Soares⁶.

Assim como o campo do letramento, a vertente do letramento acadêmico também surgiu no país por intermédio de mulheres pesquisadoras. Dentre as estudiosas precursoras dessa vertente em âmbito nacional, estão Adriana Fischer, Marildes Marinho e Raquel Fiad. Se no exterior os Estudos dos Letramentos Acadêmicos são recentes, no Brasil ainda estão apenas começando⁷.

Enquanto a pesquisa de Lea e Street (1998) inaugurou os ACLITS no Reino Unido, o estudo de Fischer (2007) inaugurou o campo no Brasil. Em sua tese de doutorado, a partir dos princípios teóricos dos Novos Estudos do Letramento e da perspectiva dialógica bakhtiniana, a autora buscou compreender como se dá a constituição letrada de três alunas do curso de Letras. Os resultados da análise levaram Fischer (2007) a estruturar um *modelo dialógico de letramentos acadêmicos* como norteador da constituição letrada das estudantes, a partir da vivência de três tipos de eventos de letramento acadêmico: o *interDiscursivo*, o *identitário-profissional* e o *reflexivo-transformativo*.

O primeiro tipo, os *eventos interDiscursivos*, são caracterizados por Fischer (2007, p. 131) como “os que promovem a interface entre tipos de Discursos

⁴ Isso leva Kleiman (2008) a defender a utilização, no Brasil, de *Estudos do Letramento*, em vez de *Novos Estudos do Letramento*, pois no país todos os estudos do letramento são novos.

⁵ Sendo o foco deste artigo o letramento acadêmico no Brasil, não me deterei na origem do conceito de *letramento* e do campo de estudos que impulsionou no país partir dos anos 1990. Para maiores informações acerca disso, ver capítulo 1 de Oliveira (2016).

⁶ Vale lembrar que a primeira ocorrência de que se tem notícia do termo *letramento*, no Brasil, consta no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986), de Mary Kato. Contudo, Kato (1986) não apresenta uma definição teórica de letramento nem aprofunda a discussão sobre o termo, gesto a ser primeiramente realizado por Tfouni (1988).

⁷ Neste trabalho, refiro-me ao campo como Estudos do Letramento (no singular), pois é este o uso que se consolidou no Brasil. Já a vertente dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos, recente no país, parece ainda não ter um nome consolidado, de forma que decidi seguir a opção terminológica da maioria dos pesquisadores britânicos, os quais falam em *Academic Literacies* (Letramentos Acadêmicos, no plural).

(primários e/ou secundários), conseqüentemente entre instituições sociais diversas, devido às orientações de letramento desencadeadas pelo professor”. Por orientações de letramento, a autora entende os procedimentos didático-pedagógicos adotados pelo professor, que, no caso da turma de Letras por ela acompanhada, teriam favorecido o enquadramento crítico dos conhecimentos sobre linguagem e ensino de língua colocados em cena durante as aulas.

O segundo tipo, os *eventos identitário-profissionais*, são definidos por Fischer (2007, p. 152) como aqueles que “realçam a posição socialmente situada de professor, que impulsiona os alunos a se assumirem produtores de conhecimentos, habilitando-os a responder a várias propostas de trabalho com apoio no conhecimento desenvolvido na esfera acadêmica”. Conforme a autora, esses eventos posicionam os alunos em práticas profissionais, valorizando o uso do metac conhecimento e de linguagens sociais, isto é, de linguagens especializadas e contextualizadas em domínios acadêmico-escolares de letramento, como a universidade e a escola.

O terceiro tipo, os *eventos reflexivo-transformativos*, são descritos por Fischer (2007, p. 175) como “os que, valendo-se do letramento crítico ou do Discurso reciclado, têm as funções de libertação [...] e de emancipação – das práticas sociais em que os alunos de Letras participam e das próprias identidades assumidas por eles nessas práticas”. No ponto de vista da autora, é participando desses eventos que as estudantes desenvolvem o controle do uso dos discursos dominantes na academia e da metalinguagem que os constitui, transformando e sendo transformadas pelos letramentos acadêmicos de maneira reflexiva e crítica.

Marinho (2010a) discute as relações com a escrita de alunos ingressantes em um curso de Pedagogia, conjugando a concepção bakhtiniana de linguagem à abordagem etnográfica do letramento acadêmico e concebendo o domínio de um gênero discursivo como um comportamento social, cuja aprendizagem contextualizada é determinada pela experiência, à qual subjazem valores, regras, significados, atitudes e modelos comportamentais. Segundo a autora, a resenha, gênero focal de seu estudo, pressupõe dois lugares de enunciação: o lugar de autor investido de autoridade para comentar criticamente o objeto resenhado e o lugar de leitor crítico desse objeto, papéis que o iniciante de graduação em geral apresenta dificuldade para assumir, pois não é um especialista no assunto do texto a resenhar e vê-se chamado a resenhá-lo a um provável especialista (o professor da disciplina). Embora necessária, dadas as condições de produção do discurso acadêmico, essa artificialidade, para Marinho (2010a), é um exemplo da relação tensa e conflituosa

dos estudantes com a escrita acadêmica e precisa ser minimizada, a fim de que a produção textual adquira uma função social própria em aulas universitárias.

Em Marinho (s/d), a autora volta sua atenção para os chamados *povos tradicionais*, alunos do campo ou indígenas. Ao problematizar a entrada desses grupos no universo da escrita acadêmica, a pesquisadora afirma que assumir uma concepção de letramento, nessa conjuntura, significa lidar com a diferença cultural e linguística em um espaço avesso à diversidade como o universitário, sendo necessário produzir novos conhecimentos e currículos, adequados aos novos alunos.

Fiad (2011), com base nos ACLITS, analisa o que alunos do primeiro semestre de um curso de Letras dizem sobre suas escritas e o confronto destas com o que lhes é esperado na universidade. A autora ressalta que não basta explicitar a organização linguística dos gêneros acadêmicos, sendo importante deixar claro por que algumas práticas são privilegiadas em detrimento de outras na universidade, descortinando as convenções veladas de uso da língua escrita nessa esfera social. Em suas análises das meta-reflexões dos estudantes, Fiad (2011) identifica remissões a dois momentos de sua produção: a escrita pré-disciplina e a escrita pós-disciplina, com destaque para a recorrência de observações que ultrapassam a questão dos gêneros acadêmicos e de suas especificidades textuais, como a importância da interlocução, da reescrita e do debate crítico.

Em Fiad (2013), a autora reflete sobre a reescrita de textos também por estudantes ingressantes no curso de Letras, propondo uma articulação entre a concepção dialógica da linguagem e a perspectiva etnográfica de análise da escrita. Desse modo, apoia-se no dialogismo bakhtiniano e na noção de *história do texto* formulada por Lillis (2008), que prevê um estudo não apenas do texto como também das interações em torno dele e das conversas sobre ele, rompendo, assim, com a dicotomia entre texto e contexto. Como *corpus* de análise, a autora apresenta seis textos: uma produção inicial de um aluno a partir de uma proposta que solicitava a escrita de uma narrativa pessoal sobre a sua entrada no universo escolar, três comentários escritos por três colegas que leram esse primeiro texto, a resposta do autor aos colegas e uma produção final avaliando a disciplina. Fiad (2013) considera o texto inicial, junto dos comentários dos colegas e da resposta do estudante, a *história* do texto final, por constituírem “um conjunto de enunciados relacionados dialogicamente” (FIAD, 2013, p. 473). A autora, assim, chega à sua proposta de ensino de escrita acadêmica de base dialógica e etnográfica, defendendo uma

pedagogia centrada nos textos e nos diálogos sobre os textos travados entre os interlocutores, escrevente e leitores.

O propósito desta seção não foi fazer um mapeamento exaustivo dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, de modo a chegar a algo como o seu *estado da arte*, mas apenas compreender como se deu a emergência dessa vertente no país, o que exigiu uma ênfase nas pesquisas inaugurais. Na seção seguinte, o foco será nas perspectivas futuras desses estudos em âmbito nacional.

3 Das perspectivas: os Estudos dos Letramentos Acadêmicos e as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação

Fiad (2015) apresenta alguns caminhos que vê para os Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil. Além de reiterar o potencial teórico-metodológico e didático-pedagógico da combinação das perspectivas dialógica e etnográfica na pesquisa e no ensino da escrita acadêmica, a autora observa que a vasta quantidade de trabalhos sobre escrita escolar desenvolvidos no país desde os anos 1980, a partir de teorias textuais e discursivas, somada aos jovens estudos do letramento acadêmico, permite investigar a escrita na universidade “a partir do que foi possível construir como críticas, reflexões e propostas durante esses mais de 30 anos de pesquisas”, de modo que “é possível pensar no letramento acadêmico tentando articular concepções teóricas advindas dos Letramentos Acadêmicos com concepções teóricas advindas dos estudos do texto e do discurso” (FIAD, 2015, p. 30).

Tal potencial interdisciplinar é também ressaltado por Street (2014, p. 177), ao projetar que a pesquisa futura no campo do letramento será conduzida “na interface entre [as] teorias linguísticas e antropológicas, de um lado, e entre discurso e método etnográfico, do outro”. No Brasil, também Marinho (2010b) e Kleiman (2015) sublinham a produtividade da interlocução entre os Estudos do Letramento e as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação:

Por analisar situações de interação buscando entender o contexto sociocultural em que se inserem, *torna-se bastante produtivo o diálogo com uma Linguística do Discurso, de teorias enunciativas e pragmáticas, particularmente inspiradas nos trabalhos de Bakhtin e da análise do discurso francesa*. É praticamente impossível discutir o conceito de letramento, hoje, sem se conectar com [...] A virada pragmática no campo dos estudos linguísticos [que] nos orienta rumo a uma *concepção enunciativa da linguagem* (MARINHO, 2010b, p. 80, grifos nossos).

Surgem, então, novos enfoques analíticos com o desenvolvimento de *teorias que se ocupam da língua em uso, como as Teorias da Enunciação, a Análise do Discurso*. Para a análise da língua em uso com base no conceito de letramento [...] *uma articulação profícua se dá entre os Estudos de Letramento e a concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin* (KLEIMAN, 2015, p. 14, grifos nossos).

No âmbito dos Estudos do Letramento do Brasil, além de Kleiman (2015), realizam essa articulação outras autoras citadas neste artigo, como Rojo (2009/2014) e Tfouni (1995/2010). No âmbito dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no país, tal interface com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação é feita por Fischer (2007), Marinho (2010a; 2010b; s/d) e Fiad (2011; 2013; 2015). Dessas estudiosas, todas, exceto Tfouni (1995/2010) – filiada à Análise do Discurso de Michel Pêcheux-, assumem como referencial teórico o Círculo de Bakhtin, produzindo reflexões centradas nas noções de *dialogismo* e de *gêneros do discurso*.

Em Oliveira (2016), proponho uma interface entre os Estudos dos Letramentos Acadêmicos e a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, proposta, até onde sei, inédita no Brasil e no mundo. Partindo da dupla alteridade descrita por Silva (2009) como constitutiva de todo ato enunciativo – a alteridade com o outro da alocação (*tu*) e com o outro da cultura (*ELE*) –, formulo princípios teóricos com o objetivo de produzir uma explicação enunciativa para o fenômeno do letramento acadêmico e os organizo em dois eixos: a) *a interpretância da língua na escrita e na oralidade acadêmicas*; b) *a intersubjetividade e a referência na escrita e na oralidade acadêmicas*.

No primeiro eixo, desenvolvo cinco princípios teóricos⁸ relacionados à incorporação pelo locutor-aluno dos valores das culturas de escrita acadêmica em que está imerso, que se manifestam em seu discurso a cada vez que fala, ouve, escreve e lê textos escritos e orais letrados. No segundo eixo, desenvolvo outros cinco princípios

⁸ Os princípios desse primeiro eixo são os seguintes: a) *A escrita e a oralidade acadêmicas, atualizadas nos atos enunciativos de fala, de escuta, de escrita e de leitura de textos escritos e orais letrados, são formas complexas do discurso letrado interpretantes das culturas de escrita acadêmica*; b) *O aluno universitário, ao converter a língua em discurso na e pela enunciação, manifesta nesse discurso os valores das culturas de escrita acadêmica*; c) *Tais valores podem se revelar nos níveis lexical, gramatical e textual da língua, mas nem sempre são apreensíveis na linearidade do discurso letrado, o que requer do locutor-aluno a vivência de situações enunciativas de letramento acadêmico que o convoquem a inserir seu discurso no mundo letrado acadêmico para se apropriar da língua-discurso desse mundo e dos dados culturais que ela traduz*; d) *Essa apropriação ocorre no interior de quadros e esquemas culturais que prescrevem e interditam os usos da escrita e da oralidade acadêmicas por campos do saber específicos, regulando-lhes os modos de enunciação letrada em situações enunciativas de letramento acadêmico particulares*; e) *A incorporação, pelo locutor-aluno, dos valores culturais acadêmicos garante-lhe o estabelecimento de uma parte da dupla alteridade constitutiva do letramento acadêmico, aquela com o outro da cultura (ELE) – as culturas de escrita acadêmica*.

teóricos⁹, por sua vez relacionados ao duplo funcionamento intersubjetivo (relação *eu-tu*, que possibilita a interlocução humana) e referencial (relação *eu-tu/ele*, que torna possível a referência ao mundo externo à alocação), o qual, segundo Benveniste (2006, p. 101), possibilita “a inclusão do falante em seu discurso, [...] que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação”. Deste modo, no processo de letramento acadêmico, esse duplo funcionamento discursivo possibilita ao locutor-aluno incluir-se como sujeito no discurso letrado acadêmico e como participante nas culturas de escrita acadêmica. No primeiro eixo, o locutor-aluno constitui a alteridade com o *outro* da cultura (*ELE*) – as culturas de escrita acadêmica. No segundo eixo, constitui a alteridade com o *outro* da alocação (*tu*) – o alocutário-professor/colegas – e consolida a alteridade com o *outro* da cultura (*ELE*), instaurando-se, assim, como sujeito de linguagem no mundo letrado acadêmico.

Tais princípios resultaram na concepção de letramento acadêmico como “um ato enunciativo de inscrição do homem nas culturas de escrita acadêmica, nas quais ele se instaura como sujeito de linguagem e renova sua relação com a língua materna a cada vez que insere seu discurso no mundo letrado acadêmico para falar, ouvir, escrever e ler textos escritos e orais letrados” (OLIVEIRA, 2016, p. 129).

As concepções e os princípios teóricos desenvolvidos em Oliveira (2016) me possibilitarão, em estudos futuros, analisar fatos enunciativos de linguagem de alunos universitários e propor ações de intervenção pedagógica em contexto acadêmico, pois concordo com Kleiman (1995/2012) sobre serem os Estudos do Letramento no Brasil um dos campos que mais aproximam o interesse teórico e o interesse aplicado, buscando explicar o fenômeno do letramento ao mesmo tempo em que procuram transformar a realidade desigual enfrentada por grupos sociais que desconhecem ou apresentam dificuldades em sua relação com a escrita.

⁹ Os princípios desse segundo eixo são os seguintes: a) *O aluno universitário, ao se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento em um ato individual de utilização a cada vez que fala, ouve, escreve e lê textos escritos e orais letrados, instanciam-se subjetivamente no discurso letrado como sujeito de linguagem*; b) *Com o alocutário-professor/colegas, o locutor-aluno constitui intersubjetivamente o quadro figurativo da enunciação letrada e dá início a um processo de resignificação da sua relação com a língua e com o outro*; c) *A inscrição na estrutura enunciativa do diálogo letrado requer, do locutor-aluno, a assunção do lugar de eu, a atribuição do lugar de tu ao alocutário-professor/colegas e a constituição do ele como a língua atualizada em discurso para a produção de sentidos e de referências*; d) *A apreensão, pelo locutor-aluno, da referência enquanto situação discursiva, tema do discurso e atitude do locutor torna possível a sua instanciação subjetiva na escrita e na oralidade acadêmicas como formas complexas do discurso letrado interpretantes das culturas de escrita acadêmica*; e) *Instanciando-se no duplo funcionamento intersubjetivo e referencial do discurso letrado, o locutor-aluno consolida a dupla alteridade com outro da alocação (tu) – o alocutário-professor/colegas – e com o outro da cultura (ELE) – as culturas de escrita acadêmica –, instaurando-se, assim, singularmente como sujeito de linguagem no mundo letrado acadêmico*.

Conclusão

Este artigo buscou apresentar os Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil a partir de três vieses: suas principais influências, suas origens no país e suas perspectivas futuras.

Inicialmente, vimos que a constituição de tal vertente em âmbito nacional foi diretamente influenciada pelos Novos Estudos do Letramento (NSL) e pelos Estudos dos Letramentos Acadêmicos (ACLITS), conjunto de estudos desenvolvidos no Reino Unido, sobretudo os filiados ao antropólogo britânico Brian Street.

Em seguida, recuperamos os estudos nacionais precursores do letramento acadêmico na abordagem dos ACLITS, destacando a contribuição de Fischer (2007), Marinho (2010a; 2010b; s/d) e Fiad (2011; 2013; 2015) no estabelecimento dessa vertente no contexto brasileiro.

Finalmente, situamos os Estudos dos Letramentos Acadêmicos do Brasil no quadro de um diálogo interdisciplinar com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação, em relação ao qual os estudiosos do letramento, em geral, e do letramento acadêmico, em particular, projetam o futuro dos Estudos do Letramento. Com efeito, da interlocução entre os estudos textuais, discursivos e enunciativos e campo do letramento podem resultar avanços para ambos os saberes disciplinares, que não dissociam o exercício da língua das práticas sociais e das relações humanas mediadas pela cultura.

Referências

BEVILAQUA, Raquel. Novos Estudos do Letramento e Multiletramentos: divergências e confluências. **Revista Virtual de Letras**, v.5, n.1, p.99-114, jan./jul.2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **A democratização e expansão da educação superior no país 2013 – 2014**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192. Acesso em: 13 fev. 2016.

FIAD, Raquel. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, n. Especial, p. 357-369, 2011.

_____. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso**, v.13, p. 463-480, 2013.

_____. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. **Pensares em Revista**, v.1, p. 23-34, 2015.

FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita** (1995). 2ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

_____. Interseções entre a Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.22, n.36, jan./jun.2015.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: un academic literacies approach. **UK Studies in Higher Education**, v.23, n.2, p.157-172, 1998.

_____. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.16, n.2, p.477-493, jul./dez.2014.

LILLIS, Theresa. Whose “Common Sense?” Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (orgs). **Students writing in the university: cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico (2010a). **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.10, p.363-386, 2010.

_____. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito (2010b). In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs.). **Cultura escrita e letramento**. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. (s/d). “**As palavras difíceis chegaram**”: a entrada de grupos tradicionais no universo da escrita acadêmica. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Marildes%20Marinho%20\(F AE-UFMG\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Marildes%20Marinho%20(F AE-UFMG).pdf). Acesso em: 13 fev. 2017.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homem na língua ao sujeito na escrita: bases para um diálogo entre Letramento e Enunciação**. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** (2009). São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização** (1995). 9.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Artigo recebido em: 14/02/2017

Artigo aprovado em: 20/06/2017